

Antonio Madureira Armorial

HISTÓRIAS E PARTITURAS

3

Quarteto Romançal
Quarteto Romançal e
Tríptico: no reino da ave
dos três punhais

Antonio Madureira Armorial

HISTÓRIAS E PARTITURAS

3

Quarteto Romançal
Quarteto Romançal e
Tríptico: no reino da ave
dos três punhais

FRANCISCO ANDRADE

Texto e pesquisa

FRANCISCO ANDRADE

YONAN DANIEL

Transcrição musical



Um fio que nos liga a quem somos

INSTITUTO ÇARÊ

O volume final da série *Antonio Madureira Armorial* reúne as peças que o compositor criou para o Quarteto Romançal, grupo montado para tocar nas aulas-espetáculo que circularam pelo interior de Pernambuco na primeira gestão de Ariano Suassuna à frente da Secretaria de Cultura do estado, entre 1994 e 1998. Reunindo Antonio Madureira no violão, Aglaia Costa no violino, João Carlos Araújo no violoncelo e Sérgio Campelo na flauta, o grupo gravou dois CDs, *Quarteto Romançal* (1997) e *Tríptico: no reino da ave dos três punhais* (1999), cujo repertório está transcrito aqui.

O contexto do surgimento do Quarteto e os novos elementos que o compositor e pesquisador agrega à sua produção no período – expandindo a ideia de uma estética armorial – estão no centro do ensaio de Francisco Andrade que encerra a trilogia. Além da miríade de trabalhos produzidos por Madureira naqueles anos, em várias frentes: criando obras para violão solo, musicando poemas, compondo trilhas para teatro e cinema, contribuindo em projetos de pesquisa e registro da cultura popular brasileira ou gravando com artistas como Rodolfo Stroeter, Assis Lima e Ronaldo Correia de Brito.

O posfácio de Carlos Sandroni e Marília Santos revela como os ecos da obra armorial de Madureira inspiraram e inspiram novas gerações de músicos, pesquisadores, compositores e intérpretes, muitos deles na ativa. Essa reverberação no tempo e na história da música brasileira corrobora a

sensação de Francisco Andrade de que, “na busca do elementar, a estética armorial-romançal de Antonio Madureira se propõe a ser pedagógica, no sentido da Paideia ou do rito do Ouricuri, nos quais a formação da sensibilidade se relaciona ao mistério da ancestralidade e da transcendência, e a vida presente encontra o fio de Ariadne, ligando o passado ao futuro, o local à totalidade”.

Em um país marcado pela colonização, e no qual, afirma o autor, “epistemologias importadas ocuparam os espaços acadêmicos, canonizando formas de pensar desconectadas da nossa realidade plural e híbrida”, a obra do compositor “pode ajudar a nos libertar das mentalidades que só reconhecem o mundo de fora para dentro”.

Ao entregar ao público esta série, um trabalho de seis anos em que tivemos a sorte e a honra de contar com colaboradores talentosos e afetosamente comprometidos nas áreas mais diversas – da pesquisa e transcrição musical ao projeto gráfico, o design e as obras que vibram nas capas –, nossa ambição é ampliar ainda mais essa reverberação, levando a obra armorial de Madureira a novos espaços e a novas gerações. Esperamos que ela seja acolhida e celebrada como um fio que nos liga a quem somos e a quem podemos ser.

Viva Antonio Madureira!

Primeira Formação
do Quarteto
Romançal: da
esquerda para
a direita, Antonio
Madureira, Sérgio
Campelo, Aglaia
Costa e João
Carlos Araújo. Clube
Internacional do
Recife, 1995.



61 **PARTITURAS**

Quarteto Romançal e Tríptico:
no reino da ave dos três punhais

61 Nau

71 Romaria

78 Suíte Retreta

78 Maxixe

90 Valsa

100 Polca

107 Mazurca

114 Dobrado

132 Toque dos encantados

132 Pankararu

137 Fulni-ô

142 Xucuru

147 Toque dos orixás

147 Exu

150 Ogum

154 Oxum

160 Iemanjá

166 Xangô

174 Iansan

177 Orixalá

180 Tradicional

190 **Reverberações**
CARLOS SANDRONI E MARÍLIA SANTOS

200 **Referências**

204 **Colaboradores**





Nas páginas anteriores:
Antonio Madureira, Sérgio
Campelo, Aglaia Costa e
João Carlos Araújo tocam
no Clube Internacional do
Recife, 1995.

A música armorial nasceu do sonho de Ariano Suassuna de levar a riqueza da cultura popular nordestina para as salas de concerto, alcançando um público acostumado a consumir música de tradição erudita europeia. Suassuna entendia a música armorial como uma amálgama das matrizes ibérica, indígena e africana, que se encontraram na formação do Brasil.

Um dos encontros mais prolíficos para a música Armorial aconteceu entre Suassuna e Antonio Madureira, músico capaz de harmonizar os ingredientes dessas diferentes matrizes culturais em um grande caldeirão criativo. Em seu Quinteto Armorial, os instrumentos modernos se fundiram com os antigos – violino e rabeca, flauta e pífano, violão e viola – na busca por modos ancestrais de fazer música. O Quarteto Romancel honrava as raízes e, ao mesmo tempo, explorava os benefícios dos novos recursos técnico-musicais.

Para mim, a música Armorial representa um olhar para o passado em busca da nossa essência, e o respeito pelas raízes da nossa cultura.

Erik Gronk

Violeiro e professor da Faculdade de Música da
Universidade Federal da Paraíba.